

## A CARTA SOBRE A FELICIDADE: UMA PROPOSTA DE REFLEXÃO A PARTIR DO EPICURISMO

Andréa Leite da Costa<sup>1</sup>

### Resumo

Esse artigo integra parte de pesquisa de mestrado em andamento cujo objetivo é compreender os principais elementos da ética epicurista, verificando de que forma pode ajudar a pensar e propor estratégias e métodos para auxiliar a superar as dificuldades de leitura e de escrita vivenciadas durante as aulas de Filosofia no Ensino Médio. Sob o viés de uma revisão bibliográfica da obra de Epicuro de Samos - Carta sobre a Felicidade (a Meneceu), mostrou-se possível propor relações pertinentes e sua contribuição para o ensino de Filosofia e para o debate ético contemporâneo. Utilizando a Carta sobre a felicidade como um recurso didático, pretende-se: 1) averiguar como a doutrina epicurista pode cultivar nos alunos o interesse pela Filosofia; 2) se ela pode ajudar a superar as dificuldades na leitura e estimular a produção de textos; e 3) se o corpus epicurista pode orientar nas diretrizes para os jovens dialogarem sobre possíveis soluções para os problemas biopsicossociais (estresse, depressão, ansiedade, suicídio entre outros) da atualidade.

**Palavras-chave:** Ética epicurista; Ensino de Filosofia; Ensino Médio; Metodologia de ensino; Recurso didático.

### Abstract

This article is part of a master's research in progress whose objective is to understand the main elements of Epicurean ethics, verifying how it can help to think and propose strategies and methods to help overcome the reading and writing difficulties experienced during classes. Philosophy in high school. Under the bias of a bibliographic review of the work of Epicuro de Samos - Letter on Happiness (to Meneceu), it proved possible to propose pertinent relationships and their contribution to the teaching of Philosophy and to the contemporary ethical debate. Using the Charter on Happiness as a didactic resource, we intend to: 1) find out how Epicurean doctrine can cultivate students' interest in Philosophy; 2) if it can help to overcome reading difficulties and stimulate the production of texts; and 3) whether the Epicurean corpus can guide the guidelines for young people to discuss possible solutions to biopsychosocial problems (stress, depression, anxiety, suicide, among others) of today.

**Keywords:** Epicurean ethics; Philosophy teaching; High school; Teaching methodology; Didactic resource.

---

<sup>1</sup> Professora da rede pública de ensino do Estado do Amazonas, especialista em Ética, pela UFAM, e especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia, pela UEA. Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia, Mestrado Profissional em Filosofia, núcleo da UFAM. E-mail de contato: andrealc\_psi@hotmail.com

## **Introdução**

A preocupação com o agir humano é antiga, remonta aos gregos, está presente indiretamente no pensamento de alguns pré-socráticos, como Heráclito, Empédocles, Demócrito, Parmênides, preocupados diretamente com “questões cosmológicas”. Historicamente, as “questões antropológicas” surgem com o diálogo conflitante entre Sócrates e os sofistas, especificamente no que se refere ao tipo de educação adequada à vida na *pólis* ateniense, Sócrates defendendo uma educação para a prática da virtude e os sofistas outro modelo.

A problemática é desenvolvida por Platão, e também pelos pensadores subsequentes como Aristóteles, estoicos, epicuristas etc. No caso do epicurismo, a concepção filosófica que surge no período helenístico, em uma época conturbada em que o modelo ético-político e jurídico é outro, e os gregos são estimulados a instituir um outro paradigma para tornar a vida suportável.

Durante a Idade Média o paradigma predominante era o teológico, com base em preceitos cristãos, sendo posteriormente retomado pelo paradigma antropológico que não é mais nem o de Platão e Aristóteles nem o de Epicuro, ensejando em conflitos que levaram a destruição de vidas e modos de organização social.

A Idade Moderna foi a época em que se observou acirrada crise em todos os setores, com incidência direta nos valores vigentes, impulsionando a proposição de novos paradigmas. Com a industrialização o projeto moderno deixou como legado uma verdadeira revolução tecnológica, porém levou a natureza a degradação. O homem não se sente mais parte dessa natureza, e sim aquele que a modifica em prol de suas necessidades. Esse modelo de exploração desenfreada da natureza em nome do progresso e da modernização desencadeou desequilíbrio ambiental, instabilidade climática, exaustão de determinados recursos naturais. Consequentemente, levou à insustentabilidade social, às desigualdades socioeconômicas, ao descaso para com o humano e com relação à vida.

A sociedade contemporânea enfrenta os efeitos dessa crise de paradigmas que incide em outros paradigmas, como o científico, religioso, político, ético e o ontológico; que toma o ser em sua totalidade, incluindo homem, natureza e todos os seres. Em meio a esse cenário há crise de valores que se encontram dentro do paradigma ético, que permeiam essas vivências e que requer medidas como reflexão, debates e pesquisas.

Diante da crise de paradigmas atuais, a presente pesquisa retoma reflexões de uma época também de crise, procurando verificar quais as alternativas encontradas pelos gregos no final do período antigo. Epicuro de Samos (±341 - 270 a.C.) se propõe a refletir sobre esses

problemas, tentando responder a partir de referenciais éticos, do conhecimento da natureza das coisas, fazendo com que os homens pudessem se posicionar, compreendendo a sua própria dimensão e o seu próprio papel. É possível perceber uma proposta de educação no pensamento de Epicuro, a qual ajudava o homem a viver de forma feliz diante das adversidades políticas e econômicas que estavam em curso.

A *Carta a Meneceu (sobre a felicidade)*, escrita por Epicuro por volta de 300 a.C., trata de uma questão fundamental para a filosofia, isto se não for propriamente, a mais importante das questões, a que diz respeito a como podemos alcançar a felicidade e de como nos mantermos felizes. A carta é direcionada a alguém que compartilha laços de amizade (*philia*) e que de certa forma vai entender o que ele quer dizer, pois, possui a mesma envergadura filosófica e também encara a filosofia como um modo de vida feliz. Contudo, sua doutrina foi difundida de modo que se tornou atemporal, considerada de imensa valia para qualquer pessoa de qualquer idade.

Nas palavras iniciais da Carta, Epicuro (2002, p. 21) exalta a prática da filosofia como algo indispensável para a felicidade, e “desse modo ela é útil tanto ao jovem quanto ao velho”, por isso ela é útil a quem a pratica e constitui um elemento fundamental para alcançar uma vida feliz. A ética epicurista está fundamentada sobre o conceito de “felicidade” (*eudaimonia*), e para Epicuro não há *eudaimonia* sem um modo de vida sábio e prudente. A felicidade é uma conquista, é um direito de todos, ninguém nasceu impedido de ser feliz, ao contrário, todos devem buscar a felicidade. Porém essa felicidade é resultado de uma labuta diária de autodomínio, autolibertação, autonomia e busca constante do prazer sábio e sereno.

## **1 - Contexto histórico do Epicurismo**

### **1.1 - O Helenismo**

O período helenístico caracterizou-se pela tentativa de fusão da cultura grega e oriental, fato ocorrido devido a expansão do Império Macedônico constituído por Filipe da Macedônia, continuado e ampliado por seu filho Alexandre e depois pelos romanos em seu processo de conquista, fato que diminuiu o contraste entre as culturas ocidentais (grega e romana) e as orientais. Os gregos reivindicavam e procuravam manter orgulhosamente sua originalidade como se pode depreender das obras de alguns autores antigos. Em suas obras os autores gregos exaltavam os feitos dos seus heróis, estimulavam os jovens a valorizar sua cultura e a lutar por sua continuação.

Segundo o historiador Heródoto (c. 480 - c. 425 a. C.), as raízes da originalidade reivindicada repousava na concepção de que o grego possuía um senso de liberdade política

por pertencer a uma cidade-Estado, consciente de sua autonomia e de suas tradições, usufruindo de sua cidadania sem se submeter a nenhum senhor.

Essa diferença entre os gregos e os não gregos denominados de “bárbaros”, de acordo com Heródoto (sec. V a. C.), provinha do senso de liberdade que os gregos desenvolveram a partir de sua organização social e política, tornando-se evidente durante o helenismo. Essa consciência está ilustrada por Heródoto:

[...] no episódio dos dois espartanos que, por ocasião das guerras médicas se apresentam voluntariamente aos persas para serem sacrificados como expiação pelo assassinio dos embaixadores de Xerxes. Indagados sobre por que Esparta insistia em resistir ao Grande rei, rejeitando as vantagens da rendição e da submissão, os dois gregos responderam, altaneiros, ao persa que os conduzia ao sacrifício: Tu não podes compreender. Conheces apenas a vida de servidão. Jamais experimentaste a liberdade, para saber se ela é doce ou não. Do contrário, tu não nos aconselharias a combater por ela não somente com lança, mas também com o machado. (*apud SILVA et al*, 1985, p. 8).

O contexto cultural muda após a Batalha de Queroneia (338 a.C.), quando os gregos foram derrotados pelos macedônicos, implicando na imposição de uma série de mudanças, inclusive restrição político-social, o que incidiu diretamente na noção de liberdade grega. Com o fim da autonomia das cidades-Estados, emerge com mais força o sentimento de liberdade, mesmo que seja em outros moldes. Apesar dos macedônicos forçarem a sua inserção no organismo político-social e territorial dos gregos, eles continuaram o seu processo de difusão cultural, sendo de alguma forma ampliada pelo seu invasor, motivo porque é conhecida em quase todos os impérios mediterrâneos durante o chamado período helenístico. Atenas permanece como centro das investigações epistemológicas – filosófica e científica, estendendo seu modelo a outros centros da época como Alexandria, que passou também a ser um dos focos de atividade intelectual.

Nesse período as ciências conhecidas da época passam a ter maior autonomia. Foi um momento considerado esplêndido para a matemática (a ciência do cálculo), a astronomia, a geometria e a física (ciências baseadas na observação). Nesse interim surge um novo intelectual, o especialista erudito. Sobre as particularidades desse período, Silva et al. (1985, p. 08) tece o seguinte comentário: “E se isso representa um impulso as especializações científicas, manifesta também o novo rumo que tomara o conhecimento, desde que sua meta deixara de ser o universo político: o da realização subjetiva e pessoal, que acompanha o ideal de ciência pela ciência”.

Esse novo rumo dado pelos macedônios ao mundo grego torna impossível a participação ativa do indivíduo no governo da *pólis*, aquele que o grego conhecera nos

períodos anteriores, sobretudo no sistema democrático. A formação cidadã deixa de ser a preparação para a vida política, passando a se ocupar do aprimoramento interior do homem. A filosofia nesse momento histórico se distancia das questões políticas e busca estabelecer, de acordo com Silva *et al.* (1985, p. 09), as “normas universais para a conduta humana”. Neste contexto, a ética torna-se o centro das especulações filosóficas das escolas helenistas.

A proposta das escolas helenistas é a busca do “bem” num sentido diferenciado, onde os indivíduos possam através de suas escolhas individuais alcançar a serenidade interior diante de qualquer circunstância adversa da vida. Nesse momento não se pode mais almejar, como Platão pretendia antes, fazer com que a meta final da criação ética fosse a reforma da cidade na procura de que a *pólis* espelhasse a beleza e a harmonia do Cosmos. A concepção de bem não possui um sentido nem metafísico e nem político nos moldes anteriores, há uma ênfase na abordagem ética. Nas filosofias helenistas o bem possui uma acepção estritamente existencial, incluindo todos os aspectos da vida (biológica, psicológica e social). No caso da escola epicurista esse bem se expressa por meio da busca de duas ações baseadas nos conceitos de *ataraxía* (serenidade, imperturbabilidade) e de *phrónesis* (moderação).

Para alcançar o caminho que conduz à serenidade e à imperturbabilidade da alma, algumas correntes filosóficas, como o Epicurismo e o Estoicismo, procuram na compressão da natureza das coisas (físicas e lógicas) o alicerce de sua concepção moral. (SILVA *et al.* 1985). Não há mais liberdade política e nem o sentido de cidadania que a democracia ateniense permitia a alguns, aos que eram considerados cidadãos. Sob o domínio macedônico não há mais a condição de reunir os cidadãos nas assembleias para discutir e forjar as leis. Com a mudança forçada as leis passam a emanar de cima, vem diretamente da vontade de Felipe ou de Alexandre, e todos são súditos desses soberanos e têm que se curvar diante de sua vontade. Mas por outro lado, nesses momentos de repressão, de cerceamento da liberdade pública, há todo um universo a ser conquistado e trabalhado que é o universo interior, que pode ser objeto de um processo de libertação pessoal.

O que o homem grego desta época está procurando é a ‘saúde’ da “alma” (*psiqué*). Segundo a doutrina epicurista, essa saúde só poderá ser conquistada pela superação da ignorância, causa segundo Epicuro de uma série de credices, ou seja, pelo uso da sabedoria, da ciência e de um conhecimento que aclara a vida interior. Os epicuristas incentivam a superação de todas as formas de obscurantismos, por meio da compreensão do processo de funcionamento de todas as coisas, inclusive da mecânica do universo.

Na Grécia antiga a ética estava ligada à atuação política, ou seja, à participação direta do cidadão em todas as ações da *pólis*. Tratava-se, no entanto, de atuação restrita apenas aos

homens considerados juridicamente livres. Já no âmbito da vida privada prevalecia a desigualdade e a ausência de liberdade para uma parcela significativa da população, uma vez que as mulheres, os escravos e os estrangeiros eram excluídos do processo político-social, sua presença consistia na subsistência da vida na *pólis* em atividades relacionadas ao corpo: a mulher pela procriação e administração da casa; o escravo pela execução das várias atividades práticas designadas pelos governantes das cidades; e os estrangeiros pela sua participação no artesanato e no comércio.

No período helenístico a noção de “saúde do espírito” denota uma característica comum às escolas filosóficas daquele período, dentre elas a epicurista. A ética helenista procura o bem próprio do homem, há uma ênfase na discussão sobre a melhor maneira de viver, seja na alegria ou no infortúnio. A plenitude de sua realização seria o alcance da perfeita serenidade interior (*ataraxía*), independentemente das circunstâncias.

O Epicurismo adota uma ética voltada para a busca da “felicidade” (*eudaimonía*) considerando as condições da época. É uma ética que marca sua posição em relação aos outros modelos éticos, anteriores e de sua época, contribuindo dessa forma para o enriquecimento do debate ético, inclusive o contemporâneo. É em meio ao processo de investigação e busca de uma vida não mais circunscrita a uma *pólis*, mas ao cosmos que Epicuro elabora o seu pensamento filosófico, conforme compreende Savian-Filho:

Talvez por isso se compreenda que o eixo de seu pensamento seja a ética, ou melhor, que a sua filosofia seja fundamentalmente uma ética, pois se percebe que seu pensamento procura responder não apenas teoricamente, mas existencialmente às interrogações postas pelos indivíduos do novo mundo, em face da tarefa de sua auto-realização (SAVIAN-FILHO, 2009, p. 13).

Esse pensamento pode ser explicado pelo fato de que Epicuro não sobrevalorizava o saber da ciência em detrimento o saber viver. Observa-se que a ética epicurista preconiza uma filosofia prática no sentido de orientar a ação humana na vida individual, no universo das relações consigo mesmo e nas relações com o cosmos. O filósofo fundou sua escola em Atenas em um momento turbulento de sua história política e intelectual. Momento em que as conquistas de Alexandre exigiam dos gregos que se privassem de sua liberdade e cidadania e, o filósofo, do espírito livre do filosofar.

## **2 - Aspectos da doutrina epicurista**

### **2.1 - Ética epicurista**

Epicuro trata sobre os temas da ética em três cartas que foram endereçadas aos seus amigos. Na *Carta a Meneceu*, texto base que se encontra na obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* de Diôgenes Laértios (livro X, 122a 135), o tema principal é a conduta humana tendo em vista alcançar a saúde do espírito. Nessa Carta, Epicuro destaca os temas centrais da ética como a *ataraxía* (tranquilidade da alma), a ausência de medo frente a morte, a caracterização do prazer, a correta compreensão dos deuses e dos desejos.

É possível perceber sua influência e o significado da ética epicurista a partir de uma inscrição nas ruínas de uma muralha encontrada pela arqueologia no território da Turquia. A inscrição contém um trecho de teor filosófico atribuída ao epicurista Diógenes de Enoanda (século 2 d.C.), gravada em uma muralha justamente para ser vista por quem passasse pelas cercanias, divulgando dessa forma os preceitos epicuristas. A inscrição apresenta em linhas gerais uma sabedoria direcionada à vida humana. É constituída por quatro proposições de cunho ético conhecidas como *tetrafarmakon*<sup>2</sup>, justamente por apresentar na forma de quatro remédios: “Deus não é para ser temido, a morte não nos diz respeito, o bem é fácil de ser obtido e o mal é fácil de ser suportado” (WARREN in GIGANDET, 2011, p. 145).

Na concepção epicurista encontra-se uma ética voltada para a busca do “prazer” (*hedoné*) numa concepção diferenciada, entendido como “ausência de dor” (*aponía*) e de “inquietação” (*ataraxía*). Essa ética atua de forma profilática e terapêutica, uma vez que ensina o homem a evitar ou suportar a dor, o medo e o sofrimento que estão sempre à espreita durante a sua existência. O filósofo aborda a questão ética relacionada à maneira como o homem deve encarar as vicissitudes da vida, causa dos sofrimentos, e dessa forma procurar a almejada “felicidade” (*eudaimonía*). Sua contribuição é apresentar uma ética que nos ensine a cuidar de nossa vida sempre como bem que tem seu acabamento na construção de uma comunidade fundada na “amizade” (*phília*). De acordo com Warren (2011, p. 172), a ética epicurista considera que “a virtude constitui uma dimensão necessária da vida boa e afirma ainda que não há *eudaimonía* sem um modo de vida sábio, prudente, nobre e justo”.

Epicuro defende um conceito ampliado de virtude como parte integrante de uma vida boa, esse conceito consiste em adotar em relação ao outro o comportamento que lhe convém. Nesse sentido é sempre o prazer produzido pelo comportamento virtuoso que serve de garantia do valor desse comportamento. O comportamento virtuoso é fonte de prazer em sua realização. A amizade e a virtude estão ligadas ao prazer, segundo o filósofo, tanto que

<sup>2</sup> As crenças que mais faziam os homens infelizes eram o medo dos deuses, o medo do sofrimento e o medo da morte. Para curá-los dessas crenças, o filósofo dispunha de um *tetrapharmakon*, ou seja, de um quádruplo remédio: não há nada a temer quanto aos deuses, não há nada a temer quanto à morte, a dor é suportável e a felicidade está ao alcance de todos.

Epicuro sustentava que não poderia haver vida feliz sem a compreensão da intrínseca relação entre amizade e prática da virtude.

Seu pensamento ético baseia-se em três princípios fundamentais baseados na correta compreensão da natureza: 1) dos deuses<sup>3</sup>; 2) da morte<sup>4</sup> e 3) dos sentimentos e desejos<sup>5</sup>. Tais princípios são encontrados na epístola dirigida ao seu amigo e discípulo Meneceu, intitulada *Carta sobre a Felicidade*, e que foram posteriormente gravados por Diógenes, no século II d. C. em pedras que foram encontradas por arqueólogos em Enoanda na Capadócia no final do século XIX. O ponto básico de sua ética é a busca de uma condição de vida feliz, com vistas a evitar tudo aquilo que causa sofrimento e dessa forma alcançar a saúde do espírito.

Epicuro viveu o período helenístico, contexto do qual vai exercer influências na sua maneira de conceber e praticar a filosofia. O período helenístico se caracteriza pela queda do modelo político das cidades-Estados e pela submissão da Grécia ao poderio romano. “Nesse período conturbado, os atenienses, um tanto traumatizados pela perda da sua influência e pela lenta agonia de sua democracia, procuram novas referências da natureza moral que, segundo parece, a filosofia está em condições de lhes proporcionar” (GIOVACCHINI, 2019, p.35).

É nesse cenário de turbulências e perda de direitos políticos que Epicuro nos ensina que no cerceamento da liberdade há todo um universo interior que pode ser conquistado num processo de libertação pessoal. Em tempos de adversidades, diz ele, o homem pode e deve ser feliz e buscar o prazer, porque segundo o filósofo todos somos predestinados a sermos felizes e “é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la”. (EPICURO, 2002, p. 23).

A filosofia para o Epicurismo, como explica Spinelli (2009), é aprender a viver bem com prazer e moderação, ou seja, prazer em tudo o que faz e moderação nos costumes. Esses termos – prazer e moderação – Epicuro resume em apenas um termo: a *eustatheía*<sup>6</sup>, que seria uma boa disposição, condição de equilíbrio e estabilidade duradoura.

## 2.2 - A felicidade

---

<sup>3</sup> “Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles, já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que tem dos deuses”. (EPICURO, 2002, p. 25).

<sup>4</sup> “Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo o mal residem nas sensações”. (EPICURO, 2002, p. 27).

<sup>5</sup> “O conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo.” (EPICURO, 2002, p. 35).

<sup>6</sup> Expressa significado de estar bem: um estado que pressupõe uma permanência enquanto modo de ser. Esse termo consta apenas uma vez nos ditos escritos de Epicuro. Segundo Spinelli (2009), o termo aparece no fragmento 68 da *Epicurea* de Usener, por ele elencado a partir de uma citação de Plutarco atribuída a Epicuro.



Seu projeto de felicidade está vinculado à satisfação, à alegria, ao viver com prazer e, sobretudo, com autonomia. Epicuro propõe uma liberação interna: há em nós um universo a ser conquistado que é nosso universo interior, e ele pode ser objeto de um processo de libertação pessoal. Se é a saúde que está sendo procurada que seja então a saúde da alma (*ataraxía*), e para Epicuro essa saúde deverá ser conquistada pelo afastamento da ignorância, causa das credices e todo tipo de obscurantismo, ou seja, pelo uso de um conhecimento que aclara a vida interior e faz com que o homem compreenda o seu próprio papel no processo da vida.

Essa libertação, ou seja, essa *eudaimonía* que o conhecimento aclarador permite, segundo Pessanha (2007), o filósofo associa também à procura permanente do prazer, exemplificando que na verdade o homem não existe em função do sofrimento, o sofrimento é uma circunstância que não determina a vida do homem e sua virtude está em autodeterminar-se apesar do sofrimento que aparentemente vem com a fatalidade. Ele se recolhe dentro de si mesmo e vai manter o seu “artesanato interior” e somente assim seu projeto poderá ser realizado. É importante destacar qual o sentido de prazer ao qual Epicuro se refere e que ele associa à felicidade. Em sua epístola direcionada ao amigo Meneceu Epicuro escreve:

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. (EPICURO, 2002, p. 43).

Nessa passagem da Carta, Epicuro esclarece a que prazer ele se refere: não é qualquer tipo de prazer corpóreo que é efêmero. O filósofo associa ao prazer tanto a saúde do corpo quanto a tranquilidade da alma. Essa completude seria o prazer, porque na posse dessa completude entre corpo e alma, os homens se sentiriam satisfeitos e não sentiriam a falta de outros bens corpóreos e/ou psíquicos, ao passo que a sua ausência ocasionaria necessidade de prazer.

### 2.3 - O prazer

Na doutrina epicurista faz-se necessário saber distinguir o verdadeiro prazer dos prazeres que resultam em insatisfações. O verdadeiro prazer para os epicuristas não está na busca de uma satisfação momentânea, muito menos no acúmulo de bens e riquezas: na verdade precisa-se de bem pouco para ser feliz. Então o máximo de prazer consiste na conquista da imperturbabilidade da alma (*ataraxía*), porém só se chega a ela distinguindo a

diversidade dos desejos. Na mesma Carta Epicuro distingue os desejos em: 1) naturais e necessários, 2) naturais e não necessários e 3) nem naturais e nem necessários.<sup>7</sup>

A estratégia de Epicuro para analisar o prazer é associa-lo a saúde do corpo e a tranquilidade da alma, sendo que o núcleo desse estado de completude seria o prazer, pois de posse dessa completude o homem não sentiria necessidade da nada, ao passo que a sua ausência faria com que o homem passasse a ter necessidade de prazer. Por isso, ele afirma que “o prazer é o início e o fim de uma vida feliz” (EPICURO, 2002, p.37), pois uma vez que o homem tenha atingido esse estado ele não procuraria outra coisa que não fosse a satisfação do corpo e da alma.

#### **2.4 - O sábio epicurista**

O sábio seria o prudente, aquele que entende que sua vida depende de suas escolhas baseadas sobretudo na busca dos prazeres corpóreos e não corpóreos. O sábio não atribui sua sorte aos deuses, embora os respeite e venere, ele sabe que tudo em sua vida depende de suas escolhas. Na linguagem moderna “o sábio será aquele que assume sua responsabilidade moral sobre a existência, pois deixa de atribuir aos deuses a sua sorte”. (SAVIAN-FILHO, 2009 p. 16).

Para Moraes (1998), é sábio quem desfruta dos prazeres relacionados à filosofia em uma atividade plenamente autárquica, ao passo que as atividades da vida pública, capacidade e virtudes ético-políticas, como por exemplo, a justiça, a coragem, entre outras, necessitam dos outros para se atualizarem. Sendo assim, os prazeres relacionados a vida cidadina promovem uma felicidade efêmera e incompleta se comparada a “felicidade” (*eudaimonía*) investigada e proposta pelo filósofo.

#### **2.5 - O jardim e a amizade**

A filosofia epicurista demonstra que o homem pode viver bem, feliz, sereno e morrer sereno e feliz. Epicuro segue fielmente seus ensinamentos e pode-se citar como exemplo o momento de sua morte, quando o filósofo pede para que seus amigos o coloquem em uma “tina de bronze com água quente e lhe ofereçam um copo de vinho puro, e o bebeu

---

<sup>7</sup> No primeiro grupo ele classificou os desejos ligados à conservação da vida do indivíduo. Estes seriam os únicos válidos, pois subtraem a dor do corpo. Exemplos seriam comer quando se está com fome, beber quando se está com sede, repousar quando se está cansado etc. No segundo grupo se enquadram os desejos oriundos de variações supérfluas dos prazeres naturais: comer bem, ingerir bebidas refinadas, vestir-se com luxo etc. Precisamos comer e beber para sobreviver, mas para isso não é necessário comer *bem* ou beber bebidas *refinadas*. No terceiro grupo estão os desejos "vãos", nascidos das "vãs opiniões dos homens", que são os desejos ligados à obtenção de riqueza, poder, honras etc.

avidamente, e depois de recomendar aos amigos que se lembrassem de sua doutrina, expirou” (LAËRTIOS, 2008, p. 286).

Mas como chegar a esse estágio de autocontrole e serenidade? Epicuro ensina que é possível conseguir esse feito através do controle de si mesmo (*autárkeia*), uma independência interior, um “desvio” da fatalidade, da compreensão da natureza das coisas que ele faz com base no atomismo de Demócrito (460 a 385 a. C.) que ele reformula.

O ideal autárquico entendido como independência preocupa os filósofos muito antes da conquista macedônica. Naquele contexto, a autarquia moral da consciência estava fortemente ligada à ética da cidadania (MORAES, 1998). A *autárkeia* que Epicuro propõe naquele momento é o desvio das fatalidades das circunstâncias políticas e sociais, era o desvio da doença do qual era acometido (cálculo renal) e de sua pobreza. Ele não está condenado ao sofrimento, pois ele será alegre ou triste dependendo de como ele administra-se interiormente. O filósofo prova sua autodeterminação através de palavras, textos e, sobretudo, em seu exemplo de vida.

Epicuro anuncia a seguinte alternativa: vida política ou serenidade. O filósofo aponta para a vida pública como um grande campo de batalhas e antagonismos, como continua sendo até os dias atuais. A vida pessoal deve ser de serenidade. O que ele quer mostrar com isso? A leitura que se pode fazer é que: não se pode pretender que o universo público esteja a serviço da felicidade pessoal. De acordo com Giovacchini:

Para Epicuro, a vida pública é um flagelo, e a maioria das falsas representações que causam a infelicidade do homem tem sua origem na emulação nociva, na competição e nos falsos desejos suscitados por certa concepção da sociabilidade; o jardim ao contrário, é apresentado como um refúgio, uma tebaida em que é possível seguir a via da natureza, retificar o seu juízo, curar a alma e, desse modo alcançar a felicidade. (GIOVACCHINI, 2019, p.45).

Procurar a serenidade da alma, a felicidade e a liberdade interior é um caminho que leva o homem ao distanciamento das turbulências da sociedade. Mas não ao isolamento, pelo contrário, Epicuro vai à procura de um recolhimento com pessoas que compartilham de sua concepção de vida, que considera como seus amigos. Ele procura um local aprazível que permita ao mesmo tempo o contato com a natureza e o contato humano, razão porque escolhe um “jardim” (*képos*) em que possa (con)viver numa fraternidade lúcida e esclarecida, dentro de uma “amizade” (*philia*) compartilhada e recíproca. É neste jardim físico e psíquico que procura manter contato pessoal com os seus discípulos, bem como intercâmbio escrito em casos de afastamentos físico, procurando conservar nos escritos o mesmo teor filosófico das

conversas pessoais. É na amizade que seu projeto pode ser realizado. Não é isolar o homem, mas substituir a vida coletiva e distante da *pólis* por uma convivência coletiva menor em que o cultivo da amizade constitui meta a ser alcançada pelos seus discípulos, como mostra Diôgenes Laértios:

Por excesso de moderação, Epicuro não participou da vida política. Apesar das terríveis calamidades que se abatiam sobre a Hélade em sua época, ele passou toda a vida lá, à exceção de duas ou três viagens a certas regiões da Iônia com objetivo de visitar amigos. Os amigos vinham de todas as partes para vê-lo, e viviam juntamente com ele no Jardim como diz Apolodoro (LAËRTIOS, 2008, p. 285).

É na amizade que reside todo o projeto da filosofia, pois os epicuristas procuram vivenciar o sentido primeiro da filosofia que é amor pela sabedoria, amizade (*philía*) pelo conhecimento. É a amizade que une os indivíduos que se encontram no mesmo processo de busca interior, do conhecimento, da serenidade e da felicidade. Esses laços se estreitam ainda mais quando os seus adeptos compartilham o mesmo estilo de vida, no jardim, cultivando a amizade e regando a árvore mais viçosa: A Filosofia! A *philía* se concretiza no jardim, local em que os amigos procuram cada vez mais a clareza e a serenidade, esforçando-se em sua busca interior. Esse distanciamento da vida citadina não é solidão, pois a amizade desempenha um papel fundamental no funcionamento do jardim; pois é a *philía* que serve como alicerce filosófico para a prática da vida em comunidade, dando-lhe sentido. Epicuro procura junto com os amigos fazer frutificar a árvore da filosofia a partir de seus escritos e ensinamentos, como diz o epicurista Laértios:

A amizade é uma necessidade. Da mesma forma que lançamos sementes na terra, devemos tomar a iniciativa da amizade; depois ela cresce e se transforma na vida em comum entre todos aqueles que realizam plenamente o ideal da agradável serenidade (LAËRTIOS, 2008, p. 311).

A amizade é algo natural porque expressa a necessidade humana de criar relações por meio da qual seja possível alcançar a felicidade. A amizade tão pouco é um dever, na verdade ela é o que fundamenta a relação amistosa. Tanto que é assim que Epicuro critica decididamente as comunidades pitagóricas por praticarem a comunhão dos bens, pois para ele tornar comum as coisas dos amigos é próprio de pessoas que não confiam umas nas outras, e, entre esse tipo de gente não pode haver amizade.

## 2.6 - Os deuses

A ética epicurista também se fundamenta no conhecimento e na recusa do obscurantismo. Epicuro coloca o mundo numa dimensão humana, dentro da possibilidade de compreensão, mensurável pela racionalidade. É essa ideia que afasta tudo o que é obscuro, intangível, absolutamente insondável, e que faz com que os próprios deuses sejam compreensíveis e explicáveis racionalmente. Sobre essas particularidades Moraes destaca:

Como as demais correntes filosóficas do período helenístico, a moral de Epicuro busca na consciência adequada da ordem cósmica o funcionamento da conduta mais propícia à felicidade. Mas distingue-se das outras, notadamente do estoicismo, por conceber o cosmos como efeito mecânico do entre-choque dos átomos e, conseqüentemente, por negar toda e qualquer intervenção divina na trama da física universal (MORAES, 1998, p. 63).

No atomismo de Demócrito (c.470-c.370 a.C.), que Epicuro reformula<sup>8</sup>, os átomos materialmente idênticos, diferem-se uns dos outros apenas pela forma, pelo tamanho, pela posição ou, quando constituíam conjuntos, pelo arranjo. Epicuro, porém, introduz uma nova distinção: os átomos seriam diferentes também quanto ao peso.

Demócrito considerava o peso uma resultante do tamanho dos átomos: os maiores, mais sujeitos aos impactos dos outros, locomovem-se com mais dificuldade e tendem a ocupar o centro dos agrupamentos de átomos, comportando-se como mais pesados. Ao contrário, Epicuro considera o peso um atributo inerente aos átomos, concebendo, portanto, um “peso absoluto e não relativo”.

E devido ao peso é que os átomos, num momento inicial, são concebidos por Epicuro como “caindo”. Porém, situados dentro do vazio, teriam que desenvolver, nessa “queda”, trajetórias necessariamente paralelas. Isso significa que os átomos jamais se chocariam – dando origem aos engates e aos torvelinhos indispensáveis à constituição das coisas e dos mundos –, se algum fator não viesse interferir naquele paralelismo das trajetórias.

Afastando-se do rígido mecanismo da Física dos primeiros atomistas, Epicuro introduz então a noção de “desvio” (*clinâmem*)<sup>9</sup> – sem nenhuma razão mecânica, os átomos, em qualquer momento de suas trajetórias verticais, podem se desviar e se chocar. O desvio aparece, assim, como a introdução do arbítrio e do imponderável em um jogo de forças

<sup>8</sup> A explicação mais pormenorizada sobre a gênese dos mundos encontra-se na carta a Pitocles, onde ele marca sua diferença ao pensamento de Leucipo e Demócrito.

<sup>9</sup> Termo latino (deve-se a Lucrécio) que designa no sistema de Epicuro, a declinação dos átomos graças à qual, quando caem no vazio, conseguem se aglomerar de acordo com suas qualidades respectivas para formar os corpos. Essa noção, ausente em Demócrito, permite que Epicuro inscreva o livre arbítrio na alma humana desde a sua constituição, pois os átomos particularmente sutis que a compõe se beneficiam com isso. (DUROZIO, 1996, p. 86).

estritamente mecânico: é a ruptura da necessidade, no plano da Física, para acolher a contingência.

A justificativa do desvio está garantida pela canônica de Epicuro: a evidência imediata revela que existe um ser – o homem – que, embora constituído de átomos (como todos os seres do universo), manifesta a possibilidade de arbítrio, pelo qual altera os rumos de sua vida ou, pelo menos, pode modificar sua atitude interior diante dos acontecimentos.

A existência da vontade livre seria, portanto, o fato experimentado que encontraria explicação no desvio que deve também ocorrer nas trajetórias atômicas. Inconcebível seria admitir que um composto (o homem) apresentasse atributos inexistentes em seus componentes (os átomos).

Podemos observar em uma passagem na *Carta a Meneceu*, sua argumentação contra a crença na providência divina e que os deuses também podem ser compreendidos e explicados racionalmente. Os deuses são serenos, pois não estão preocupados com a humanidade. Eles vivem serenamente porque estão distantes assim como os amigos estão no jardim distante das cidades turbulentas. Sendo assim, “não se deve temer os deuses”. Em sua epístola, observamos que Epicuro também escreve a Meneceu sobre as divindades:

Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que tem dos deuses. Ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim quem atribui aos deuses falsos juízos dessa maioria. Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas, mas em opiniões falsas. (EPICURO, 2002, p. 25).

O sábio epicurista não reza implorando misericórdia dos deuses, pois sabe que os deuses são indiferentes aos homens, ele compreende que é da natureza dos deuses nunca sofrer e apenas sentir prazer, então o sábio concentra seu esforço na busca de um prazer durável e do controle da dor.

## **2.7 - A liberdade**

A liberdade humana é outro ponto importante na doutrina epicurista. O mundo é racional, mas sua racionalidade não dá conta da ação do homem contrária a fatalidade das coisas. O homem não fica inerte como algo que fatalmente foi posto. Ele posiciona-se e faz escolhas. A ética propõe uma estilística que direciona a vida do homem para onde ele deseja, sobretudo na possibilidade de desviar-se da fatalidade propiciada pelo destino e pelo acaso. Para Epicuro, a liberdade é sempre o desvio da fatalidade. O homem não é livre por estar

solto, é livre porque, apesar da fatalidade das coisas e do mecanismo do mundo, ele abre uma “brecha” para realizar seus projetos de vida. Ele não pode ser passivo diante da mecânica do mundo, não pode ser reflexo das circunstâncias propiciadas por outro ser, seja deuses ou humanos. Ele pode e deve estabelecer o itinerário de sua própria vida.

A ética epicurista necessita mais de que um mecanicismo, exige racionalidade flexível para que possa conter o humano com seus ideais e metas. O seu atomismo explica que o homem não é apenas algo inerte diante da fatalidade do jogo mecânico do cosmos. Os átomos, segundo Demócrito, são partículas indivisíveis que caem desde sempre no vazio infinito. Porém, se o único pressuposto de explicação para o mundo fosse a lei mecânica da movimentação dos átomos no vazio, como poderíamos explicar que o homem pode desviar-se da fatalidade? É preciso perceber esse modelo básico racional, porém ele não dá conta de tudo, pois não dá conta do homem, e é necessário que nessa queda dos átomos haja a possibilidade do *clínamen*, do desvio.

### 3 - Um novo modelo de educação

A doutrina epicurista destaca o direito a felicidade, ao bem, a plenitude, a cidadania que coloca o indivíduo em confronto com o cosmos. A escola epicurista reflete o contrário da democracia ateniense em tempos passados. Uma democracia com restrições, embora existisse a liberdade de construir e modificar as leis, era apenas uma parte dos atenienses que tinham esse direito, que são os homens maiores de idade, nascidos em Atenas e filhos de pais livres.

Para Pessanha (2007), o modelo de educação em Epicuro se mostra revolucionário em sua época. O direito à serenidade e à felicidade está aberto a qualquer um: homens, mulheres, estrangeiros, de qualquer localidade e qualquer raça. E ao abrir espaço para o exercício filosófico a escravos, mulheres e estrangeiros, o Epicurismo amplia, em novo contexto histórico, a demolição de preconceitos e a ação libertária expressas pelo Sócrates do *Ménon* (e que já haviam inspirado os cínicos), porém agora sobre bases estritamente humanistas e não religiosas. Nas palavras iniciais da *Carta a Meneceu*, Epicuro além de deixar claro que acredita que a filosofia poderia ser para todos, ele faz a mais bela exortação da História da Filosofia:

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou, ou que já passou a hora de ser feliz (EPICURO, 2002, p. 21).

O diferencial da educação epicurista valorizava principalmente o interior do homem, porém ela tinha a preocupação não somente com uma felicidade atrelada a bens materiais, mas sobretudo em uma felicidade que valoriza a serenidade da alma. O conceito de serenidade (*ataraxía*) é fundamental na filosofia epicurista, ela seria a disposição do espírito para buscar o equilíbrio emocional diante das adversidades da vida e caracteriza-se pela tranquilidade sem perturbação, pela paz interior, pelo equilíbrio e moderação na escolha dos prazeres sensíveis e espirituais.

Um outro aspecto importante, e que há de se levar em conta, é o fato de que a maioria das escolas filosóficas gregas agrupava especialmente os homens que eram vinculados por laços de amizade. A presença das mulheres sempre foi uma exceção, pois seu espaço era o lar – das ricas e esposas –, local em que “realizavam e supervisionavam tarefas domésticas: fiavam, teciam e também ensinavam as filhas a ser amanhã tão boas quanto elas eram hoje”. (SPINELLI, 2009, p. 147). A escola filosófica epicurista ou jardim de Epicuro, como ficou conhecida historicamente, era portanto aberta a todos para quem dela quisesse participar, não havia restrições, bastava saber ler.

Não é à toa que Diógenes, no século II d. C., procurou perpetuar em um muro em Enoanda na Capadócia a doutrina epicurista, pois a considerou de imensa valia para qualquer pessoa em qualquer época. (PESSANHA, 2007). A atualidade de sua doutrina ajudou a formação intelectual de várias pessoas, dentre elas propiciou ao jovem Karl Marx (1818 - 1883) a perceber o sentido da liberdade interior e hoje sua ética nos ensina sobre o virtuosismo pessoal para sermos felizes e serenos, mesmo nas adversidades.

O cultivo da razão proporciona ao homem o conhecimento de si mesmo e do mundo, fazendo com que ele seja capaz de recusar a ordem instituída e ser autônomo, ele não pode estar preso a concepção do fatalismo. As leis que regem o cosmos abre um espaço para sua postura enquanto escolha, ou seja, é necessário que na mecânica do universo haja espaço para a rebeldia e a construção de um homem em busca de uma vida melhor. Na *Carta a Meneceu* o filósofo faz as seguintes considerações sobre o homem sábio:

Na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? Que nega o destino, apresentado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa; e que a necessidade é incoercível, o acaso, instável, enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor? Mais vale aceitar o mito dos deuses, do que ser escravo do destino dos naturalistas: o mito pelo menos nos oferece a esperança do perdão dos



deuses através das homenagens que lhes prestamos, ao passo que o destino é uma necessidade inexorável. (EPICURO, 2002, p. 47-49).

Epicuro faz de seu estilo de vida uma doutrina. Mostra que o propósito do comportamento sábio está em “saber viver conforme a natureza”. Podemos recorrer ao conceito de *autárkeia* do sábio, que exprime a ação de dominar com sabedoria e equilíbrio o seu agir no mundo. O prazer da sabedoria está em saber fazer as escolhas certas para viver bem, sem perturbações na alma, sem dor e cultivando a amizade. Assim, de acordo com Silva (2003), “o sábio exerce o princípio que está em si mesmo e realiza a vida sábia e equilibrada. Esse exercício é ainda a definição da filosofia enquanto um saber para a vida”, pois para Epicuro, saber viver consigo mesmo e com seus semelhantes sem perturbações do corpo e da alma, é “assemelhar-se a viver como um deus entre os homens”.

#### **4 - A filosofia no ensino médio**

O retorno do Ensino de Filosofia na grade curricular do Ensino Médio foi sugerido pelo conselho Nacional de Educação como disciplina do tronco diversificado, e apontado como tema transversal nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, em 1999. Embora houvesse uma intencionalidade para o retorno da Filosofia enquanto disciplina obrigatória no currículo, em contraponto não havia uma sistematização dos seus conteúdos e uma criteriosa análise pedagógica que articulasse esse saber com as demais áreas do conhecimento (interdisciplinaridade), permitindo assim que muitos profissionais de outras áreas ministrassem a disciplina sem proporcionar as articulações necessárias para a descoberta dos saberes filosóficos.

Para os alunos do Ensino Médio, um desafio a ser superado não somente pelos teóricos da educação, mas pela comunidade educacional que agora precisa demonstrar a necessidade da Filosofia e a sua inter-relação com as demais áreas do conhecimento de forma a garantir e fomentar nos estudantes competências para que ele possam responder aos desafios impostos pela sociedade contemporânea.

#### **5 - A doutrina epicurista e o Ensino Médio**

Mais de dois mil e trezentos anos após a morte de Epicuro sua doutrina chega até nós, apesar de ter sido muito deturpada apresenta extraordinária atualidade. Seu legado transcende a sua época e chega aos nossos dias, porque ele ensina sobre temas ligados à natureza humana como: virtude, sabedoria, amizade, vida em comunidade, alegria, tranquilidade e felicidade.

Nos tempos atuais, as preocupações humanas não são tão diferentes das antigas, assim um dos papéis da Filosofia é provocar a reflexão sobre os problemas do homem.

A reflexão filosófica naquele período converteu-se em uma fonte espiritual que iluminava as consciências, ajudava o homem grego livre a viver e lhe ensinava como ser feliz diante das adversidades econômicas e políticas que estavam em curso e que eram irreversíveis. Diante do momento de caos político, econômico, social e sanitário que se instalou no mundo contemporâneo, é papel também da escola e do educador estimular no jovem o pensar na possibilidade de ser feliz e de como manter-se feliz diante das adversidades, refletindo sobre os impactos do tempo presente na sua vida, na sociedade, nas escolas e no ensino público, para que o mesmo possa ressignificar a vida, seu papel na sociedade, aproximando-o do campo ético e criando perspectivas de um futuro melhor.

### **5.1 - A Carta sobre a felicidade como recurso didático**

Para apresentar a doutrina epicurista para os alunos no Ensino Médio, proposta em andamento pelo Mestrado Profissional em Filosofia, núcleo UFAM, e mostrar sua contribuição para o pensamento do homem atual, explicitando o caráter prático e ético de Epicuro, serão sugeridas metodologias a serem desenvolvidas em uma sequência didática divididas em temas. Cada temática será apresentada durante um tempo de aula totalizando seis aulas somente para a apresentação dos conceitos epicuristas, sendo sugeridos os seguintes temas:

**Felicidade:** Perguntar aos alunos sua concepção de felicidade. Levantar os seguintes questionamentos: é possível pensar em ser feliz diante das suas dificuldades atuais? Solicitar que escrevam suas respostas e em seguida leiam brevemente tecendo seus comentários. Em seguida, a proposta é projetar um vídeo falando brevemente sobre Epicuro e seu conceito de felicidade.

**Uma Carta como texto filosófico:** distribuir uma cópia da *Carta sobre a Felicidade* para cada aluno e fazer uma leitura silenciosa. Em seguida perguntar: o que o filósofo quer transmitir em sua carta e quais são os principais temas contidos nela. Conforme as respostas dos alunos, montar no quadro um mapa conceitual explicativo sobre a carta.

**Aponía e Ataraxía:** Aula expositiva sobre o significado dos dois termos para a doutrina epicurista. Formular a seguinte pergunta: é possível para os jovens alcançarem esses estados em pleno século XXI? Sugerir que os alunos respondam no caderno e depois socialize com a turma.

O prazer: expor os tipos de prazeres (naturais e necessários, naturais e não necessários, não naturais e não necessários), em seguida dividir a turma em três grupos onde cada grupo escreverá em uma cartolina o maior número de exemplos possíveis. Em seguida, será sugerido que deve-se eliminar os prazeres considerados desnecessários, deixando apenas os necessário para a vida. Debater com a turma se é possível viver apenas com o que é necessário em uma sociedade onde a felicidade está associada ao consumo.

Os jovens e a atualidade: quais são os problemas que assombram os jovens na atualidade? Conforme o que foi apresentado sobre a doutrina de Epicuro, será sugerido aos alunos que se dividam em duplas (ou trio dependendo do número de presentes) e escrevam uma carta expondo os problemas enfrentados pelos jovens atualmente e indicando também sugestões para a solução desses problemas.

A partir dessas reflexões os alunos serão avaliados, observando a participação de cada um durante as aulas e o material por eles produzidos. Posteriormente, serão desenvolvidas oficinas que estimulem esses jovens a produzir materiais didáticos (cartilhas, fanzines, quadrinhos; memes, criar uma página no Facebook ou Instagram etc) destacando os temas da escola epicurista e as principais dificuldades enfrentadas pelos jovens conforme o que for apresentado nas cartas escritas por eles. Além dos temas apresentados pelos alunos, poderão ser sugeridos alguns temas da atualidade, como, por exemplo: bullying, desemprego, depressão, automutilação, drogas, suicídio, pandemia, consumismo, entre outros. Essa atividade é apenas uma sugestão. Cabe a cada professor propor outros temas e outras atividades conforme o pensamento de Epicuro que possam ser desenvolvidas em sala de aula com o objetivo de despertar no aluno o interesse pelas aulas de Filosofia, estimulando sempre esse aluno para a produção de um trabalho final conforme suas aptidões e interesses.

### **Considerações finais**

A sabedoria de Epicuro volta-se para o exercício prático de atitude perante a vida, *A Carta a Meneceu* exorta ao exercício do filosofar como caminho indispensável ao maior dos bens, a felicidade compreendida e realizada na vida. É neste sentido básico que a Carta tem o caráter de um pensamento ético. O exercício do filosofar é impregnado de seu fim prático que reúne a reflexão, os afetos e a experiência corpórea. E, ainda, da amizade como o elo necessário entre a felicidade do indivíduo e a harmonia da comunidade.

A partir de seu modelo de educação e de sua doutrina, Epicuro nos mostra possibilidades de fermentar nos jovens o desenvolver de seu próprio alimento, que os nutre na capacidade de gerenciar a si mesmos, sem medo, dentro dos limites de suas possibilidades e

de sua natureza, promovendo a autonomia no pensar e agir. A filosofia é capaz proporcionar uma vida em conformidade com a sabedoria que o conhecimento da natureza nos proporciona, sabedoria que nos ensina a lidar com a vida buscando o fim último e o maior bem que é a felicidade.

## Referências

BRASIL. (1996). “Lei 9394/96: LEI de diretrizes e Bases da educação Nacional”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 30 de jun. de 2018.

BRASIL. (2002). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. “Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio”. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>. Acesso em: 22 de mai. de 2018.

DIÔGENES LAËTIOS. (2008). “Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres”. 2ª. Edição. Brasília; editora Universidade de Brasília. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/diogenes-laertios-vidas-e-doutrinas-dos-filosofos-ilustres/4910084/>. Acesso em: 04 de set. de 2016.

DUROZOI, Gerard; ROUSSEL, André. (1996) *Dicionário de filosofia*. Campinas (SP): Papirus.

EPICURO. (2002). *Carta sobre a felicidade: a Meneceu*. 3ª. Edição, São Paulo: UNESP.

EPICURO. (1985). “Antologia de textos”. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php>. Acesso em: 28 de jun. de 2018.

GIGANDET, A.; MOREL, P. M. (2011). *Ler Epicuro e os Epicuristas*. São Paulo: Loyola.

GIOVACCHINI, Julie. (2019). *Epicuro*. São Paulo: Estação Liberdade.

MORAES, João Quartim de. (1998). *Epicuro: as luzes da ética*. São Paulo: Moderna.

PESSANHA, José Américo Mota. (2007). “As delícias do Jardim”. Disponível em: <https://sistemas.vilavelha.es.gov.br/qualificalideres/Content/material/Texto%20de%20Epicuro.pdf>. Acesso em: 10 de jun. de 2009.

SAVIAN-FILHO, Juvenal Savian. (2009). “O Epicurismo e a ética do prazer e da prudência”. Disponível em: <https://saocamilo-sp.br/assets/artigo/bioethikos/68/10a17.pdf>. Acesso em: 10 de dez. de 2014.

SILVA, Markus Ferreira da. (2003). *Epicuro: sabedoria e jardim*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

SPINELLI, Miguel. (2009). *Os caminhos de Epicuro*. São Paulo: Edições Loyola.

Recebido em: 04/10/2020

Aprovado em: 10/12/2020